

Ulysses Paulino de Albuquerque



CARTAS
À MINHA
ORIENTADORA

canal6 editora



CARTAS
À MINHA
ORIENTADORA

canal6 editora

Rua José Pereira Guedes, 7-14
Pq. Paulista | CEP 17031-420 | Bauru, SP
(14) 3313-7968 | www.canal6editora.com.br



Copyright© Ulysses Paulino de Albuquerque
Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Diagramação

Erika Woelke

Revisão

Verônica Franciele Seidel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

A314c Albuquerque, Ulysses Paulino de
1.ed. Cartas à minha orientadora / Ulysses Paulino de
Albuquerque. — 1.ed. — Bauru, SP: Canal 6 Editora,
2025.

134 p. ; 12,5 x 18 cm.

ISBN 978-85-7917-674-6

DOI 10.52050/9788579176746

1. Cartas. 2. Educação superior. 3. Orientação
acadêmica. 4. Relações humanas. I. Título.

12-2024/30

CDD 300

Índice para catálogo sistemático:

1. Cartas : Relações humanas : Sociologia 300

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa do editor.

Ulysses Paulino de Albuquerque



CARTAS
À MINHA
ORIENTADORA

canal6 editora

1ª Edição - 2025
Bauru - SP

SUMÁRIO

- 7** DEDICATÓRIA
- 11** APRESENTAÇÃO
- 14** CARTA AO LEITOR
- 22** CARTA 1: O PRIMEIRO ENCONTRO
- 29** CARTA 2: O VALOR DO SILÊNCIO
- 36** CARTA 3: SOBRE OS LIMITES DO CUIDADO
- 44** CARTA 4: O PESO DA CONFIANÇA
- 52** CARTA 5: O QUE NÃO FOI DITO
- 63** CARTA 6: SOBRE A TRANSIÇÃO
- 71** CARTA 7: A IMPORTÂNCIA DA HUMANIDADE

- 80** CARTA 8: O DESAFIO DE ORIENTAR
- 87** CARTA 9: CONFIANÇA EM
MEIO ÀS TEMPESTADES
- 93** CARTA 10: COMO VOCÊ AGIRIA?
- 100** CARTA 11: PROJETOS E PARCERIAS
- 107** CARTA 12: CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA
- 114** CARTA 13: PAIXÃO E CANSAÇO
- 120** CARTA 14: A FRAGILIDADE
DA COMPREENSÃO
- 127** CARTA FINAL: UM MANUAL NÃO ESCRITO
- 133** SOBRE O AUTOR

DEDICATÓRIA

Às mulheres de minha jornada, fonte inesgotável de inspiração e fortaleza:

À minha mãe, Maria José Paulino de Albuquerque, cuja força e determinação moldaram quem sou. Obrigado por nunca desistir de mim, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha esposa e eterna melhor amiga, Maria de Fátima A. Albuquerque, cuja presença iluminou os caminhos mais sombrios com seu apoio incansável.

À minha ex-orientadora, Prof.^a Dr.^a Laise de Holanda Cavalcanti Andrade, pelo exemplo que inspirou minha trajetória acadêmica, pela amizade e pelas palavras certas que ecoaram nos momentos de incerteza.

À minha amiga, Profa. Elba Lúcia Cavalcanti de Amorim, por ter sido o porto seguro nas tormentas na vida “após o doutorado”, pela amizade genuína e pelo encorajamento para trilhar minha jornada.

À minha amiga e parceira de pesquisa, Profa. Elcida de Lima Araújo, que me amparou e evitou que eu desistisse, especialmente na transição para minha posição na UFRPE. Sua parceria sempre foi mais do que acadêmica. Foi humana.

E agora, à Selena, minha neta e uma nova e inesperada mulher em minha vida. Que você sempre saiba que carrega em si a força e o amor das gerações que a precederam e a certeza de que é profundamente amada.

Com toda minha gratidão e carinho, dedico este livro a vocês.

*Trago em mim, esculpida desde a infância, uma espécie de estátua interior que dá continuidade à minha vida e constitui a parte mais íntima e o mais sólido núcleo do meu caráter. Modelei essa estátua ao longo de toda a minha existência. Retoquei-a, afineia-a e poli-a sem cessar. A goiva e o cinzel, neste caso, têm sido os encontros e as combinações. Os ritmos que se entrecrocaram, todas as inquietações e todos os constrangimentos, as marcas deixadas por uns e por outros, pela vida e pelo sonho. (François Jacob. **A estátua interior**. Lisboa: Dom Quixote, 1988).*

APRESENTAÇÃO

Em *Cartas à Minha Orientadora*, nos deparamos com uma obra profundamente introspectiva e pessoal, estruturada no envolvente formato epistolar. Com sensibilidade e honestidade, a narrativa transforma o processo de orientação acadêmica em um espaço de diálogo e aprendizado mútuo, revelando os desafios, as tensões e as conquistas que permeiam essa relação tão singular.

Mais do que simplesmente relatar experiências, o autor usa o formato das cartas para refletir acerca de questões fundamentais, como autonomia, confiança e o delicado equilíbrio entre acolhimento e exigência. O estilo direto e acessível do livro nos conduz por uma jornada de amadurecimento do narrador, tanto como orientado quanto como orientador, iluminando um aspecto muitas vezes negligenciado da academia: a dimensão humana das relações.

Inspirando-se em reflexões de Rubem Alves, Ulysses Paulino de Albuquerque incorpora à sua obra o pensamento sensível e poético desse renomado professor e educador, ampliando a discussão sobre o papel do orientador. As ideias de Rubem Alves, com sua defesa de uma educação que transcende o técnico e abraça o humano, permeiam a narrativa, oferecendo ao leitor um horizonte de possibilidades pedagógicas marcadas pela empatia e pela criatividade.

O livro nos convida a enxergar a orientação como um universo das interações humanas, repleto de contradições, tensões e, acima de tudo, possibilidades transformadoras. Ao unir suas experiências pessoais à visão inspiradora de Rubem Alves, Albuquerque constrói um espaço em que técnica e emoção se equilibram, formando não apenas pesquisadores, mas também pessoas.



CARTA AO LEITOR

*Por isso eu escrevo, para lutar contra o tempo. A escritura e a leitura fazem os mortos ressuscitar. A escritura e a leitura fazem o passado acontecer de novo. Por isso, ao ler o que aconteceu e não mais existe, nós rimos e choramos como se aquilo que aconteceu estivesse acontecendo de novo. E foi isso que aconteceu comigo. Envelhecendo, tive medo que o meu passado se perdesse. (Rubem Alves. **Lições do velho professor**. Campinas: Papyrus, 2018).*

Embalado pelas reflexões de Rubem Alves, escrevo para fazer passar a dor. Escrevo porque, de alguma forma, colocar palavras no papel é um ato de alívio, um gesto de sobrevivência. Escrevo para transformar o que me consome em algo que me liberta. Quando traduzida em palavras, a dor encontra um lugar fora de mim, onde pode ser olhada, compreendida e, talvez, superada.

Mas não escrevo só para exorcizar o que dói. Escrevo, também, para evocar alegria, para revisitar momentos de prazer e dar-lhes uma nova vida. É como se escrever fosse um ato de celebração, um modo de saborear outra vez os instantes que fazem o coração vibrar.

Escrevo, ainda, para buscar clareza. As palavras me ajudam a organizar o caos que carrego dentro de meu cérebro hiperativo e desorganizadamente focado. Em algumas vezes, na clareza encontro respostas; em outras, apenas descubro trajetos – mais tortuosos, é verdade, mas também ricos em possibilidades.

Escrevo para lembrar, agora mais do que nunca, para resgatar rostos, vozes e histórias que o tempo insiste em querer levar. Escrevo porque quero preservar as pessoas, as coisas e os momentos que me marcaram. Quero guardá-los, mas também afastá-los, em um movimento impreciso e paradoxal. E, sobretudo, escrevo para não esquecer, porque

esquecer é perder pedaços de mim mesmo e escrever é meu jeito de me costurar, de me manter inteiro. Escrevendo, descubro fragmentos que não sabia ou não lembrava que existiam, pedaços arrancados de todos os jeitos. Escrevo para ser, para existir.

Se você está com este texto em mãos, permita-me, antes de qualquer coisa, agradecer a confiança em embarcar nesta leitura. As páginas que seguem não são apenas um relato ou um conjunto de cartas. Elas são, acima de tudo, um diálogo – comigo mesmo (real e fictício), com minha orientadora (real e fictícia) e, agora, com você.

Ao escrever estas cartas, tomei a decisão de focar o maravilhoso das experiências de orientação. Isso não significa que não houve tensões – elas existiram, claro. Mas escolhi interpretá-las como resultado natural do encontro entre dois humanos, cada um carregando sua própria bagagem, seus desejos e sonhos, elementos que, ao se entrecruzar, podem produzir tanto o belo quanto o

desafiador. Tais pensamentos que aqui coloco são, primeiro, uma forma de reconhecer a riqueza desses entrosamentos que moldaram minha trajetória e, segundo, uma maneira de celebrar o processo contínuo de me tornar um orientador – um papel que não se aprende de imediato, mas que vai sendo esculpido pelas experiências, pelos erros e pelos exemplos que seguimos.

Enquanto escrevia, percebi que carrego minha orientadora comigo. Nas decisões que tomo, nas palavras que escolho e até nas pausas para um café com meus alunos, sinto sua presença. Ela foi meu manual, mesmo sem ser um. E, ao relembrar nossas interações, noto como fui reinterpretando o que aprendi para construir meu próprio modo de orientar.

Estas cartas têm uma intenção central: mostrar que o ato de orientar é transformador, tanto para o orientador quanto para o orientado. É um processo cheio de tensões, dúvidas e, às vezes, mágoas, mas também um ato de generosidade e fé – fé no outro, no

processo e na certeza de que, mesmo com as dificuldades, estamos construindo algo maior do que nós mesmos.

Talvez você encontre aqui ecos de suas próprias vivências. Talvez se veja em um aluno, em um orientador ou simplesmente em alguém que busca se entender em meio às relações que moldam nossas trajetórias.

Desejo que estas cartas sirvam como um convite à reflexão sobre o que é orientar e ser orientado, sobre como podemos construir relações mais respeitadas e humanas e sobre como o conhecimento é sempre uma construção coletiva.

Estas cartas carregam em si dois movimentos distintos, quase como se viessem de dois “eus” que coexistem em diálogo constante. O primeiro “eu” olha para trás, revisitando o passado em busca de sentido. Não é uma simples lembrança; é um esforço intencional de dar significado ao vivido, reorganizando os fragmentos para que se encaixem de alguma forma no presente. É um

trabalho de reconstrução, em que o que antes parecia desconexo ganha uma narrativa, uma lógica que talvez só agora seja possível enxergar.

O segundo “eu”, introspectivo, parte desse movimento, mas vai além. Ele mergulha na mente de filósofos de diferentes tempos e lugares, explorando ideias que atravessaram os séculos para reinterpretá-las à luz de sua própria experiência. Esse “eu” não apenas dialoga com os grandes pensadores; ele os interroga, os molda e os incorpora em sua própria filosofia, na tentativa de construir algo verdadeiramente seu.

As cartas tornam-se, assim, um espaço de encontro entre esses dois movimentos, uma ponte entre o passado e o presente, entre o vivido e o pensado. Escrever é o ato que une esses “eus”, permitindo que conversem e se complementem. Cada carta constitui um retrato da transformação constante que é existir.

O passado, reinterpretado, ilumina o presente. As ideias, reapropriadas, moldam o futuro. E, nesse processo, descubro que o ato de escrever não é apenas uma forma de expressão, mas uma maneira de viver filosoficamente. Cada palavra é um tijolo; cada carta, um edifício em construção. Enquanto escrevo, revisito quem fui e me descubro no que estou criando. Esse diálogo, entre os “eus” e com o mundo, é onde encontro a continuidade da vida e da mente em movimento.



CARTA 1: O PRIMEIRO ENCONTRO

*Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim aff ecar e, quer dizer "ir atrás". O afeto é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (Rubem Alves. **Ao professor, com meu carinho**. Campinas: Verus, 2011).*

Oi, doutora.

Lembro-me como se fosse ontem do dia em que nos conhecemos. Eu estava nervoso, claro. Ser recebido por alguém tão experiente e importante como você era, para mim, uma mistura de privilégio e responsabilidade. Não

sabia o que esperar: um interrogatório sobre minhas pretensões científicas? Uma conversa acolhedora? Um desafio intelectual?

Você, no entanto, me surpreendeu. O que mais me marcou naquele primeiro encontro não foram as suas palavras, mas a forma como você me ouviu. Eu trouxe um amontoado de ideias desconexas, como todo iniciante entusiasmado, e, em vez de corrigi-las, você me escutou com paciência. Não lembro exatamente o que você disse, mas lembro perfeitamente como me senti: respeitado.

Aliás, antes mesmo de nos encontrarmos oficialmente, sua disciplina na graduação já havia sido decisiva para que eu a procurasse. Confesso que, na época, não gostava do conteúdo da sua matéria. Você sabe disso: desde os primeiros semestres, rejeitei com firmeza o tema. Mas, curiosamente, naquela disciplina encontrei algo maior, algo que não estava exatamente nas páginas dos textos ou no quadro: uma oportunidade de espelhar meus interesses e, talvez, até minhas angústias principais.

Eu amava vê-la dar aula. Havia algo na sua forma de explicar, de interagir com a turma, que fazia tudo parecer mais leve. É curioso como uma relação profissional pautada no respeito pode transformar algo que parecia apenas suportável em algo agradável. Hoje, ao olhar para trás, percebo que, mais do que aprender sobre o tema, aprendi com a forma como você conduzia suas aulas. Aquela experiência me fez acreditar que haveria espaço para mim na ciência, mesmo que eu não seguisse os caminhos que você apontava.

Aquele primeiro encontro oficial foi, então, um marco. Naquele instante, entendi que orientação não começa com instrução, mas com acolhimento. É claro que, na época, eu não compreendi isso plenamente. Somente anos depois, ao receber meus próprios orientandos, notei como aquela escuta inicial molda a relação. Hoje, sempre que recebo um novo aluno, lembro-me de você naquela cadeira, com um leve sorriso e olhos atentos, fazendo-me sentir que meu lugar na ciência

era legítimo, mesmo que eu ainda estivesse aprendendo a ocupar esse espaço.

Mas, pensando bem, o que você me ensinou naquele encontro foi ainda maior: que a orientação também é um ato de fé – fé no potencial do outro, mesmo quando tal potencialidade ainda é incerta. Talvez seja por isso que eu tenha sentido tanto peso ao estar na posição de orientador. É assustador depositar fé em alguém, mas é ainda mais assustador saber que essa pessoa pode estar dependendo de você para acreditar em si mesma.

O que eu gostaria de lhe dizer, depois de tantos anos, é que sua escuta naquele primeiro encontro foi um dos maiores presentes que recebi na minha formação. Ela moldou não apenas o tipo de orientador que tento ser, mas também a pessoa que busco me tornar em outras relações. Escutar pode parecer um ato simples, mas é um dos mais transformadores.

Gostaria também de compartilhar com você os encontros que tive com pessoas que

cruzaram meu caminho e ampliaram minha forma de pensar sobre a vida desde aquele nosso primeiro contato. Quero que você conheça um pouco de quem me tornei, ainda que este “eu” seja apenas um reflexo momentâneo de algo que está em constante. É por isso que decidi escrever estas cartas: para tentar traduzir o que habita em mim agora, mesmo que nem sempre seja claro e que às vezes seja caótico.

Se minhas ideias parecerem desconexas ou se eu mudar de assunto repentinamente, levado por um pensamento que surge sem aviso, saiba que esse caos não é desordem; é o fluxo natural de quem vive se construindo e reconstruindo. Eu não sou o mesmo de ontem e amanhã serei outro.

A verdade é que estamos sempre mudando. Pensamentos, sentimentos, perspectivas – tudo flui, como um rio que nunca é o mesmo. E eu quero que estas cartas reflitam isso. Quero que sejam vivas, que tragam o ritmo irregular da vida, com suas pausas,

desvios e retornos, porque aquilo que mais importa não é o que está escrito, mas o diálogo que essas palavras podem criar entre nós.

Então, leia estas cartas com paciência, por favor. Aceite o caos quando surgir, porque ele faz parte de quem sou agora. E, se algo parecer estranho ou fora do lugar, lembre: amanhã, talvez eu veja as mesmas coisas de outra forma. Talvez você também. E, quem sabe, nesse movimento contínuo de construção e reconstrução, nossas versões futuras possam se encontrar novamente – mais maduras e mais compreensivas, mas ainda ligadas por aquilo que permanece, mesmo quando tudo o mais parece escapar.

Obrigadão!

CARTA 2: O VALOR DO SILÊNCIO

*Mas o fato é que há uma infinidade de experiências que não podem ser comunicadas de forma científica – aquelas que não podem ser medidas e submetidas à estatística. Como comunicar, por meio de palavras precisas, o cheiro da maçã, a ternura de um olhar, a tristeza de um crepúsculo, o medo de morrer, o mistério da floresta, o fascínio do mar? As coisas impossíveis de serem comunicadas diretamente só podem ser comunicadas por meio das analogias. E é aí que surge a poesia, a linguagem das coisas que não podem ser ditas diretamente. (Rubem Alves. **Ao professor, com meu carinho**. Campinas: Verus, 2011).*

Oi, doutora.

Sempre me perguntei por que você era tão econômica com as palavras em certos momentos. Na época, confesso, isso me incomodava. Eu esperava respostas prontas,

direções claras e até uma espécie de manual que me dissesse exatamente o que fazer. Mas, em vez disso, você instaurava um espaço – muito espaço, na verdade – e um silêncio que me forçava a pensar, a formular e a buscar respostas dentro de mim mesmo.

É importante dizer que não se tratava de um silêncio frio. Quando você retornava com suas críticas a um manuscrito meu, havia sempre vários trechos marcados com o mesmo comentário: *“Ainda está verde!”* ou *“Isso aqui parece ter caído de paraquedas.”*. Como aluno, eu queria algo mais concreto, talvez que você simplesmente mostrasse o que deveria estar ali. Mas aquele silêncio, que para mim inicialmente provocava angústia, revelou-se essencial para que eu me tornasse um pensador.

Foi um parto, literalmente – um parto doloroso, que me transformou. Ao longo de nossa jornada, fui me parindo como pensador. E, embora esse processo tenha sido difícil e, muitas vezes, frustrante, percebo agora o quanto ele foi crucial. Você me permitiu

crescer intelectualmente de uma forma que só é possível quando enfrentamos nossas próprias inseguranças e aprendemos a lidar com a ausência de respostas prontas.

Claro que, quando eu chegava a uma encruzilhada, você não me deixava à deriva. Mas seu auxílio não vinha como um mapa pronto. Ele vinha em forma de diálogo, do tipo que Sócrates praticava. Em vez de entregar respostas, você me fazia perguntas que, de tão certas, me obrigavam a buscar dentro de mim mesmo o direcionamento necessário. Esse método não apenas me ajudava a resolver o problema, mas também me mostrava o quanto eu era capaz, mesmo quando não acreditava nisso.

Hoje, como orientador, vejo o impacto desse aprendizado. Sem perceber, repito a mesma fórmula com meus alunos. Tento deixar espaço para que eles enfrentem suas angústias e, assim, também se pairam como pensadores. Mas, como você fez comigo, não os abandono no processo. Quando chegam

a suas próprias encruzilhadas, procuro resgatar aquele modelo de diálogo que aprendi com você, ajudando-os a encontrar respostas que, no fundo, já estavam lá.

Seu silêncio, que na época me parecia desafiador, moldou o cientista e o orientador que sou hoje. Foi um presente, ainda que embrulhado em angústia – e talvez por isso mesmo tenha sido tão transformador.



Há, no entanto, um cansaço que não é apenas físico: é um peso que se acumula nas horas, nos anos, nos gestos repetidos. A cada passo, parece que a energia vital se esvai, não de uma só vez, mas em pequenas parcelas que o tempo recolhe silenciosamente. O processo, seja ele qual for – o trabalho, as relações, o simples ato de existir – consome mais do que devolve. E, ao olhar em volta, a certeza de não estar só nesse sentimento não traz consolo, apenas confirma que o desgaste é universal e inevitável.

Estamos presos a papéis que não escolhemos ou, talvez, que um dia tenhamos escolhido, mas que agora não nos cabem mais. A vida se torna uma peça sem improvisos, onde o roteiro é sempre o mesmo, ainda que os rostos ao nosso redor mudem. É uma dança interminável, em que os passos são conhecidos e previsíveis, mas o entusiasmo já se perdeu. Como renovar o discurso diante de rostos novos que esperam as mesmas palavras? Como encontrar autenticidade em um texto já tantas vezes ensaiado e repetido?

E então surge a pergunta inevitável: para quem encenamos essa peça? Para os outros, ocupados demais com seus próprios papéis para notar a nossa performance? Ou para nós mesmos, numa tentativa desesperada de preservar uma coerência que já não faz sentido? O personagem envelhece, a voz se torna rouca, mas o papel permanece o mesmo. É como se o palco estivesse ali apenas para nos lembrar do quanto somos substituíveis, do

quanto tudo muda – exceto aquilo que nos prende.

Talvez exista, contudo, algo além desse ciclo. Talvez a monotonia seja apenas uma camada superficial, uma névoa que encobre a possibilidade de reescrever o roteiro. Reconhecer esse cansaço pode ser o primeiro passo para encontrar um caminho diferente, uma saída para além da repetição, porque, no final, o público que realmente importa não está do lado de fora, mas no de dentro: nós mesmos. E, se começarmos a nos importar de verdade, talvez possamos, enfim, abandonar os papéis antigos e descobrir uma nova história para viver.

Valeu, de coração!



CARTA 3: SOBRE OS LIMITES DO CUIDADO

De todos os sentidos, o mais importante para a aprendizagem do amor, do viver juntos e da cidadania é a audição. Disse o escritor sagrado: “No princípio era o Verbo”. Eu acrescento: “Antes do Verbo era o silêncio”. É do silêncio que nasce o ouvir. Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do outro se eu parar de tagarelar. Quem fala muito não ouve. Sabem disso os poetas, esses seres de fala mínima. Eles falam, sim. Para ouvir as vozes do silêncio. (Rubem Alves. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018).

Oi, doutora.

Houve muitos momentos ao longo da minha trajetória como seu orientado em que senti que você sabia exatamente o que eu

precisava, mas escolhia não oferecer diretamente. No início, isso me fazia questionar: *por que ela não intervém? Por que não resolve isso para mim?* Mas hoje, ao olhar para trás, percebo que havia um cuidado implícito na sua decisão de não interferir além do necessário.

Você parecia caminhar em uma linha tênue entre apoiar e permitir que eu errasse. Talvez por isso, nos momentos mais difíceis, eu sentia que você estava perto o suficiente para me amparar caso eu caísse, mas longe o bastante para que eu pudesse aprender a me levantar sozinho. Era um equilíbrio sutil, e agora entendo como deve ter sido desafiador manter esse limite.

Lembro-me, em especial, de um episódio em que apresentei a você uma ideia que hoje considero absurda e que seria passível de uma crítica imediata, talvez até de uma reprovação. Mas, ao contrário, você me ouviu com atenção e apenas sugeriu que eu investigasse mais profundamente os pontos que

estavam me deixando inseguro. Eu queria que você fosse direta, dizendo se a ideia era boa ou ruim. Em vez disso, você me deixou caminhar por conta própria. Foi frustrante na hora, mas decisivo para o meu crescimento.

Havia uma frase sua, que me marcou profundamente, que você repetia quando eu trazia ideias que considerava inovadoras ou diferentes das suas. Era mais ou menos assim: *“Procuro sempre buscar um equilíbrio entre o que você traz e o que eu acredito.”*. Você não rejeitava minhas ideias, mesmo quando pareciam improváveis. Ao contrário, explicava que, em muitos casos, a originalidade e a inovação muitas vezes surgem da perspectiva do aluno, algo que o orientador, por suas próprias limitações, talvez não consiga enxergar plenamente.

Você não imagina o quanto essa frase ecoa em mim até hoje. Sou direto quando percebo que algo é inviável ou pode comprometer a trajetória dos meus alunos. Mas, inevitavelmente, sua voz me lembra de que

o olhar do orientador não é absoluto. Tento equilibrar a firmeza necessária com a abertura ao novo, da mesma forma que você fazia comigo.

Esse tipo de cuidado, tão diferente do que eu imaginava ser o papel de um orientador, me ensinou que cuidar não significa proteger de todos os tropeços. E o seu cuidado vinha em forma de confiança no meu potencial, permitindo que eu aprendesse com os erros. Isso não significava abandono, mas uma aposta no meu crescimento.

Hoje, como orientador, percebo como é difícil reproduzir esse equilíbrio. A tentação de interferir é enorme, especialmente quando vejo meus alunos cometendo erros que sei que poderiam evitar. Mas me lembro de você e dos limites que estabeleceu de maneira tão sábia. Deixá-los tropeçar é um ato de coragem para mim, mas também de cuidado.

Quando eu chego ao limite do que consigo permitir, penso em como você lidava com isso. Você nunca me deixou sentir que

estava completamente perdido. Quando os erros se acumulavam ou o desânimo batia, você aparecia – não como uma salvadora, mas como uma guia –, me fazendo sentir que não estava sozinho, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Hoje, entendo que os limites do cuidado são o que tornam o aprendizado possível. Se você tivesse me protegido de tudo, eu não seria o cientista e o orientador que sou. Aprendi com você que cuidar é, acima de tudo, confiar no processo e na capacidade de crescimento do outro.



Somos movidos pelo desejo, um impulso incessante que nos empurra a buscar e transformar. Mas, na sede de completude, nos vemos presos a um ciclo de querereres que nunca parecem se satisfazer. É como se algo em nós insistisse em olhar além, projetando o futuro como a promessa de um estado onde, finalmente, tudo fará sentido.

No entanto, é justamente essa busca que nos revela uma verdade desconcertante: nada no mundo pode nos completar.

E, se não há nada externo que possa preencher esse vazio, a conclusão inevitável é que, paradoxalmente, já somos completos. É na aceitação da incompletude como parte essencial da existência que encontramos um sentido maior. Não precisamos de mais nada além do que já somos para nos sentirmos plenos. E, ainda assim, continuamos desejando – não por necessidade, mas porque o desejo, em si, é o que nos movimenta, o que nos faz criar, sonhar, crescer. Ele não é um inimigo, mas uma força que molda nossa humanidade.

Nesse processo de busca, porém, surge um conflito: sentimos que somos mais aquilo que ainda não fizemos do que aquilo que já realizamos. O passado parece pequeno diante de todo um potencial inexplorado, e a ansiedade de alcançar uma maturidade que nunca chega nos lança em uma corrida exaustiva. Corremos não apenas contra o

tempo, mas contra o medo de que a vida se esgote antes de nos sentirmos prontos, antes de alcançarmos uma completude que já sabemos ser inalcançável.

É nesse dilema que reside nossa condição humana: desejar sem cessar, buscar um sentido que talvez não exista, lutar contra o cansaço de repetir os mesmos passos para descobrir, enfim, que o significado não está no final do caminho, mas em cada etapa, em cada movimento, em cada respiração. Não precisamos ser completos para viver plenamente. Talvez a vida seja, justamente, a arte de dançar no intervalo entre o que somos e o que desejamos ser, sem esperar que o desejo nos conduza a um destino final.

Vou lhe mandar outra carta. Abraços!



CARTA 4: O PESO DA CONFIANÇA

*Criatividade é: inventar. Fazer existir coisa que não existia. Nós inventamos: músicas, roupas, armas, comidas, técnicas, jogos, brinquedos, livros. Essas coisas não existiam. Os animais, ao contrário, desejam que nunca haja mudanças. As mudanças, imperceptíveis, acontecem à revelia do que eles possam pensar. Animal não pensa, não precisa pensar. O pensamento é a busca do que não existe, a gestação do que não existe, o não existente, de forma virtual, antes de existir de forma real. (Rubem Alves. **Lições do velho professor.** Campinas: Papirus, 2018).*

Oi, doutora.

Sempre que penso na nossa relação durante minha formação, uma palavra me vem à mente: confiança. É curioso, porque no início eu não sabia ao certo se você confiava

em mim ou se estava me “testando”. Havia momentos em que a liberdade que você me concedia parecia excessiva, quase um abandono. Mas hoje percebo que essa liberdade era a expressão mais profunda da sua confiança – e, conseqüentemente, um convite para que eu confiasse mais em mim mesmo.

Recordo-me da primeira vez em que você me entregou uma grande responsabilidade. Para mim, parecia algo grande demais, além do que eu acreditava ser capaz de carregar. Você não fez discursos motivadores, não tentou me convencer de que eu daria conta. Apenas disse: “*Confio que você saberá como fazer.*”. Na época, isso soou mais como um peso do que como um elogio: o peso de não querer decepcioná-la, de estar à altura das expectativas.

Por muito tempo, essa confiança atuou em mim como uma pressão. Mas, a cada tarefa que eu concluía e a cada desafio que eu enfrentava, comecei a entender que sua confiança não recaía apenas sobre quem eu

era, mas também sobre quem eu poderia me tornar. Era uma aposta na minha capacidade de aprender, crescer e encontrar soluções mesmo diante da incerteza.

Confiar em alguém, no entanto, não é fácil. E, ao longo da minha jornada como orientador, descobri que nem sempre o outro está pronto para vivenciar a orientação como um processo de confiança mútua ou para entender que essa relação precisa ser construída com base no respeito e na honestidade. Eu não estava preparado para ver esse relacionamento se partir, na minha própria experiência, algumas vezes de forma tão dolorosa.

Na academia, costumam dizer que a relação de orientação é essencialmente profissional e que qualquer laço pessoal que se forme é um bônus. Contudo, pouco se fala sobre o aspecto humano dessa conexão. A orientação é um encontro entre pessoas, cada uma trazendo suas dores, expectativas e histórias pregressas. É um relacionamento

permeado por emoções e marcas de experiências anteriores. Eu não estava preparado para isso. Alguém está?

Hoje entendo que a confiança que você depositava em mim, mesmo com todos os riscos envolvidos, era uma das formas mais genuínas de respeito. Era uma forma de reconhecer que, como humanos, não somos perfeitos, mas ainda assim somos capazes de construir algo significativo juntos.

Seu exemplo moldou profundamente o orientador que busco ser – um orientador que não apenas transmite conhecimento, mas que também aposta no potencial do outro, mesmo quando esse potencial ainda está em formação. Obrigado por ter confiado em mim. Espero estar à altura de seu legado com aqueles que agora depositam em mim a mesma confiança que um dia você depositou.



Há algo profundamente humano na tentativa de nos conectarmos com o outro, de unir forças para criar algo maior, algo que não conseguiríamos alcançar sozinhos. É um movimento que parece nascer tanto da necessidade de conexão quanto do desejo de reconhecimento. Mas o que acontece quando essa tentativa não é compreendida? Quando a proximidade não resulta em entendimento, mas em indiferença ou julgamento?

Vivemos tempos em que intenções são frequentemente questionadas, analisadas e, muitas vezes, reduzidas a interpretações superficiais. Mesmo quando nos aproximamos do outro com vulnerabilidade e autenticidade, o risco de sermos mal interpretados ou ignorados é gigante. É como se, ao estendermos a mão, ela se tornasse invisível para aqueles que preferem se refugiar em suas próprias inquietações ou desconfianças.

Ainda assim, seguimos tentando. Tentamos porque há algo em nós que não aceita a solidão como resposta definitiva, que

insiste na possibilidade do encontro, mesmo quando ele parece improvável. Tentamos porque, talvez, não sejamos apenas movidos pela esperança de sermos compreendidos, mas também pela necessidade de compreender o outro – de vislumbrar, ainda que por um instante, o que significa ser humano além de nós mesmos.

Quando falhamos, o fracasso deixa um gosto amargo. É difícil aceitar que nossas melhores intenções podem ser ignoradas ou mal interpretadas, pois tal aceitação constitui um lembrete de que o espaço entre o eu e o outro é sempre permeado por ruídos, por incertezas, por barreiras invisíveis que nem sempre conseguimos romper.

Mas, talvez, o que importa não seja o sucesso em ser compreendido, mas o esforço de sair de si, de criar pontes, mesmo sabendo que muitas delas podem nunca ser atravessadas. É nesse movimento – na tentativa de criar algo novo, ainda que em meio à frustração e à dúvida – que continuamos a nos

transformar. Mesmo que o outro siga conjecturando ou ignorando nossas tentativas de conexão, a vontade de estender a mão já nos mudou. E, às vezes, isso pode ser o suficiente.

Com gratidão.



CARTA 5: O QUE NÃO FOI DITO

*Como é que se aprende a falar? Não sei. O fato é que quem ensina a falar não sabe que está ensinando e quem aprende não sabe que está aprendendo. Há coisas que só se aprendem se não se sabe que está aprendendo e que só se ensinam quando não se percebe que se está ensinando. A língua se aprende da mesma forma como se respira. É parte da vida. Imagine agora que houvesse um ensino científico da língua: aula dos substantivos, aula dos adjetivos, aula dos verbos, aula da sintaxe, hora da verificação, hora das reprovações... Nunca aprenderíamos a falar! (Rubem Alves. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018).*

Oi, doutora.

Existem lições que só aprendemos com o tempo, à medida que vamos atravessando as etapas da vida. Quando fui seu orientando,

não me dei conta de muitas delas. O peso da função de orientar, por exemplo, só se tornou claro quando passei a ocupá-la. Acho que nunca conversamos sobre isso diretamente, talvez por falta de espaço ou oportunidade, mas muito do que não foi dito entre nós teve um papel determinante na minha formação, tanto como pesquisador quanto como orientador.

Você era uma presença forte, sem ser impositiva. Na época, isso parecia natural, mas hoje percebo que sua força vinha de algo além do domínio técnico ou acadêmico. Era uma força que emanava da sua humanidade, da sua paciência e da sua habilidade em guiar sem controlar. Ainda assim, havia muito que eu não entendia: o silêncio, a confiança e, sobretudo, o espaço que você deixava para que eu encontrasse meu próprio caminho.

Somente depois de começar a orientar meus próprios alunos, percebi que aquele espaço vazio não era tão vazio assim. Ele estava carregado de expectativas, de medos e,

sobretudo, de fé – fé no outro, fé em mim. E fé é um risco. Exige coragem e, frequentemente, renúncia. É um ato de vulnerabilidade que nos confronta com nossas limitações teóricas, técnicas e afetivas.

Como orientador, aprendi a pedir socorro, a fazer parcerias para trazer olhares distintos – mesmo sobre aquilo que eu julgava dominar. Percebi que, mais do que um gesto de humildade epistêmica, isso constitui uma necessidade no processo de orientação. Orientar não é sobre ter todas as respostas, mas sobre abrir espaço para que as perguntas sejam feitas da maneira certa e para que outras vozes contribuam com perspectivas que, sozinhos, não somos capazes de alcançar.

O que também não foi dito – mas que agora vejo claramente – é que ser orientador não se resume a ensinar. É também um ato de se colocar vulnerável e de apostar em alguém, sabendo que o outro pode não corresponder, pode falhar, pode abandonar. Essas realidades que só aprendi vivendo. Eu não

estava preparado para os momentos em que a relação de orientação não funciona, em que os caminhos se desalinham e as expectativas se desfazem. Hoje entendo que esses momentos são inevitáveis.

Se, durante nosso percurso eu lhe causei mágoas de alguma forma, quero me desculpar. Como orientandos, muitas vezes somos moldados pelos nossos próprios desejos e anseios e, quando eles se frustram, acabamos direcionando nossos sentimentos para quem está mais próximo de nós nesse processo. Sei que a recíproca também pode ser verdadeira, pois, se não fosse, não haveria tantos casos de assédio moral e perseguição na academia.

Mas você me ensinou, não com palavras, mas com ações, que a orientação é um espaço humano – e, como tal, está sujeito a todas as nuances e contradições das relações humanas. O que você nunca disse – mas mostrou – é que a relação de orientação vai muito além do acadêmico: ela diz sobre pessoas, sobre histórias, emoções e encontros.

Eu vejo isso agora e, mesmo sem ter ouvido essas palavras de você, sinto que me ensinou exatamente isso. À sua maneira, você revelou que a orientação é um espaço de troca, de aprendizado mútuo, de construção conjunta.

Ainda hoje, muito do que você me transmitiu permanece não dito. Mas o não dito também ensina, talvez até mais do que aquilo que foi explicitado. Ele é como um vazão a ser preenchido pela experiência, pela reflexão e, claro, pelo tempo. No silêncio e no não dito, encontrei as lições mais profundas.



Pensando nisso, às vezes me pergunto: por que devemos continuar, mesmo quando o peso é insuportável e o caminho, interminável? Por que a luta é glorificada como se fosse um destino inevitável, um dever que precisamos cumprir independentemente de nossa vontade ou capacidade? E se eu não tiver vocação para Sísifo? E se, em vez de encontrar dignidade no esforço eterno, eu

quiser simplesmente parar e abraçar minhas frustrações sem a pretensão de superá-las?

Há algo cruel na insistência em caminhar quando os pés estão em chamas, no imperativo de persistir mesmo quando cada passo fere mais do que o anterior. Dizem que continuar é uma virtude, que a resistência nos define. Mas será que esse desejo de seguir adiante é realmente meu? Ou é um atravessamento de uma expectativa coletiva que exige que eu avance, mesmo quando não há força, mesmo quando não há sentido?

Talvez o problema esteja na narrativa que construímos sobre a vida, a partir dos ensinamentos que ouvimos sobre haver valor em lutar, sobre o esforço ser nobre e o sacrifício, redenção. Mas, e se não for assim? E se a verdadeira coragem estiver em reconhecer o absurdo, em aceitar que não temos todas as respostas, em parar quando o peso se torna insuportável?

Não é desistência o que proponho, mas uma pausa – um momento de honestidade

para olhar o chão, sentir a dor, entender o cansaço. Talvez, nesse espaço de pausa, possamos decidir se queremos continuar ou não, sem a obrigação de corresponder a um ideal alheio, sem a expectativa de transformar o sofrimento em glória.

Se desejo seguir adiante, que assim seja porque eu escolhi, e não porque o mundo exigiu. E, se eu decidir ficar, que esse gesto seja igualmente válido, igualmente humano. Afinal, o que importa é o movimento, a liberdade de decidir como queremos carregar nosso fardo – ou se queremos carregá-lo.

Disseram-me que meu propósito estaria no sucesso daqueles que, de alguma forma, passaram por minhas mãos, que, ao vê-los triunfar, eu encontraria a medida da minha vitória e poderia reconhecer minhas marcas, mesmo que renegadas, em seus passos futuros. Mas não consigo aceitar isso. Por que minha vitória deveria ser a vitória alheia? Que tipo de altruísmo é esse que exige que eu me esvazie de mim mesmo para me preencher

com algo que não é meu, algo que pertence ao outro?

Se rejeito essa ideia, sou egoísta? Talvez. Ou talvez apenas esteja buscando um sentido que nasça de mim, e não de um reflexo do sucesso de outros. Não quero me medir pela extensão de um caminho que não é o meu. Quero que a medida de quem sou seja determinada por mim mesmo. E, ao desejar isso, me pergunto: há aí algo de narcisismo? Um ego ferido que se recusa a encontrar plenitude fora de si?

E, se não for narcisismo, mas uma busca por autenticidade? Não quero rejeitar o outro nem diminuir o valor de suas conquistas. Quero celebrá-las, mas sem transformar essa celebração em uma condição para validar quem sou. Não quero me perder na ideia de que só existo plenamente quando vejo meu reflexo no sucesso de outra pessoa. Quero ser suficiente por mim mesmo, encontrar sentido no que faço e no que sou, sem depender de um eco.

Quero uma vida autêntica, no mais puro sentido das ideias de Heidegger, uma existência vivida a partir de mim, em que minhas escolhas não sejam ditadas pelas expectativas externas ou pelo desejo de me realizar por meio do outro, mas pelo reconhecimento daquilo que é genuinamente meu. Heidegger nos ensina que ser autêntico é enfrentar a finitude, assumir a responsabilidade por nosso próprio ser e, assim, viver de modo pleno e verdadeiro.

Acredito que há beleza no altruísmo, mas ele não pode significar uma anulação de quem somos. Ajudar, inspirar, ensinar – tudo isso faz parte de um ciclo maior, mas não pode ser o único alicerce da minha identidade. Afinal, se só existo por meio do outro, quem sou eu quando ele não está mais ali?

Minha busca é por equilíbrio. Quero que minhas conquistas floresçam de dentro, sem ignorar o valor das conexões com os outros. Quero ser inteiro, não porque me reflito nos triunfos alheios, mas porque reconheço

em mim mesmo a força de ser, de criar e de continuar. Não é egoísmo: é o desejo de viver uma vida que seja verdadeiramente minha, autêntica em sua essência, enquanto respeito e celebro as vidas que, por um instante ou mais, cruzam com a minha.

Com carinho e afeto.

CARTA 6: SOBRE A TRANSIÇÃO

Camus observou que o que caracteriza os seres humanos é a sua recusa a serem o que são. Eles não estão felizes com o que são. Querem ser outros, diferentes. Por isso somos neuróticos, revolucionários e artistas. Do sentimento de revolta surgem as criações que nos fazem grandes. Mas nesse momento eu não quero ser grande. Quero simplesmente ter a saúde de corpo e de alma que tem o meu gato. Ele está feliz com a sua condição de gato. Não pensa em criações que o farão grande. (Rubem Alves. **Pimentas: para provocar um incêndio, não é preciso fogo.** São Paulo: Planeta, 2012).

Oi, doutora.

Quando me tornei orientador, acreditei que já estava preparado. Pensava que minha jornada como seu orientando havia me ensinado tudo o que precisava saber. Mas a

verdade é que essa transição – de orientando para orientador – me surpreendeu de maneiras que eu jamais poderia prever.

Lembro-me dos meus primeiros alunos defendendo suas dissertações de mestrado. Eu sofria com cada crítica recebida das bancas examinadoras, como se aquelas palavras fossem dirigidas diretamente a mim e ao meu trabalho como orientador. Cada comentário parecia um julgamento do meu esforço, da minha dedicação, da minha capacidade de guiar. Foi um aprendizado difícil compreender, ao longo do tempo, que era necessário separar a crítica ao trabalho da crítica a mim mesmo.

Além disso, outro desafio foi entender que não posso usar a mesma regra para medir todas as pessoas, especialmente meus alunos. Cada um tem sua própria história e a constrói a seu modo, enfrentando limitações e desafios particulares. Sempre escutei na academia que os cursos de pós-graduação recebem cada vez mais alunos com dificuldades

diversas. Talvez isso seja verdade, mas não é apenas isso. Podemos estar falhando em reconhecer que a orientação é um processo personalizado e, como orientadores, precisamos compreender e abraçar essa realidade.

Como seres humanos, estamos em constante construção. O que somos hoje pode já não ser amanhã. Essa compreensão me ajudou a aliviar o peso que eu colocava sobre mim mesmo. Aprendi, também, que, embora a orientação seja uma parceria, cada um tem sua parcela de responsabilidade nesse processo. E ponto final.

Antes, como orientando, minhas preocupações giravam em torno da minha própria pesquisa e trajetória. Agora, esse peso é multiplicado, pois ele se estende a cada orientando que confia em mim. É assustador perceber que minhas decisões, meu apoio ou minha ausência podem moldar não apenas o trabalho acadêmico, mas também a confiança e o futuro de outra pessoa.

Se há algo que me marcou profundamente na nossa relação foi o modo como você equilibrava as demandas acadêmicas com uma compreensão genuína da minha humanidade. Você não me tratava apenas como aluno: enxergava além das páginas dos meus textos, reconhecendo minhas angústias e incertezas. Como orientador, tento replicar isso, mas confesso que nem sempre é fácil. Por vezes, sou mais rígido do que gostaria ou me preocupo excessivamente em não errar.

A transição também me ensinou algo que talvez só agora compreenda completamente: ser orientador é estar sempre aprendendo. Não é apenas ensinar ou guiar, mas também escutar, crescer e se adaptar. Assim como você fez, procuro manter a mente aberta, sabendo que cada aluno traz algo novo – uma perspectiva, uma ideia ou um desafio que nunca enfrentei antes.

Quero lhe agradecer por nunca ter me dado respostas fáceis ou caminhos prontos. Isso foi crucial para que eu entendesse que

a orientação não é sobre pavimentar uma estrada para o outro, mas sobre ajudar a construir pontes, mesmo quando o terreno parece instável.

Por fim, gostaria de compartilhar algo que, talvez, você já soubesse, mas que só agora compreendo plenamente: a transição de orientando para orientador é um ciclo contínuo de aprendizado e reflexão. Assim como você moldou minha trajetória, espero, um dia, deixar marcas positivas nos meus alunos. Afinal, orientador e orientando crescem juntos e, nesse crescimento, criam algo maior do que qualquer pesquisa ou publicação.



Quando olho para o céu, a vastidão me lembra da minha insignificância. Sou uma partícula de poeira, um grão perdido no incessante atrito de um caos que insiste, de forma quase irônica, em procurar ordem. Há algo magistral nesse desamparo: ser minúsculo em um universo tão imenso e, ainda

assim, carregar dentro de mim o ímpeto de buscar sentido – não porque ele exista, mas porque é da minha natureza procurar.

Dizem que somos divinos, uma maneira de dar peso à nossa existência, de nos confortar com a ideia de que somos mais do que grãos dispersos no vento cósmico. Mas essa tentativa de nos espetacularizar soa, para mim, como uma ilusão: um teatro vazio que tenta transformar o caos em narrativa e o grão em universo. Será mesmo necessário ser divino para ser significativo?

Eu não vejo divindade no grão. Não vejo ordem no caos. Vejo apenas a crueza do que é, do que somos: pequenos, fugazes, partes de um todo que não nos vê nem precisa nos reconhecer. E, ainda assim, essa constatação não me traz desespero. Há algo profundamente humano em ser pequeno e, mesmo assim, perguntar pelo sentido. É nesse ato de questionar e buscar que reside nossa beleza – não em sermos grandes, mas em sermos conscientes de nossa pequenez.

Talvez a vida seja isso: aceitar o grão como grão, o caos como caos, e ainda assim decidir olhar para o céu, não para encontrar respostas, mas para sentir o vento do universo a nos atravessar. Talvez não precisemos ser divinos para encontrar significado. Talvez o grão, em toda a sua simplicidade, seja suficiente.

Com meu afeto. Tenha paciência, por favor, para ler as próximas cartas.

CARTA 7: A IMPORTÂNCIA DA HUMANIDADE

*Esse é o resumo da minha filosofia da educação. Resta perguntar: os saberes que se ensinam em nossas escolas são ferramentas? Tornam os alunos mais competentes para executar as tarefas práticas do cotidiano? E eles, alunos, aprendem a ver os objetos do mundo como se fossem brinquedos? Têm mais alegria? Infelizmente não há avaliações de múltipla escolha para se medir alegria... (Rubem Alves. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018).*

Oi, doutora.

Ao longo dos anos, percebi que o que mais me marcou na nossa relação não foi apenas o que aprendi sobre ciência, mas o que compreendi sobre humanidade. No mundo acadêmico, em que as métricas e os

resultados parecem ditar o sucesso, você foi uma das poucas pessoas que me mostrou que há algo maior em jogo: as pessoas.

Lembro-me de momentos simples que, na época, passaram despercebidos, mas que hoje guardo como ensinamentos profundos. Uma vez, quando eu me vi completamente perdido em um projeto, você pausou nossa reunião para me perguntar se eu estava bem. Não era uma pergunta protocolar. Você realmente queria saber. Isso me surpreendeu porque, naquele instante, a ciência deixou de ser o centro da conversa e eu me tornei o foco.

Desde o início, você conhecia minha história. Sabia que, antes de chegar até você, eu havia enfrentado uma experiência traumática que quase me fez desistir da graduação. Ouvir, mesmo que não nessas palavras exatas, que eu não teria capacidade para seguir em frente, que eu era burro, foi devastador. Eu já acreditava nisso mesmo antes... Então, alguém verbalizou esse julgamento, parecia uma confirmação do que eu temia.

Mas você nunca reforçou esse discurso. Pelo contrário, desde o momento em que me acolheu, deixou claro que enxergava algo em mim que eu mesmo não conseguia ver. Foi ali que minha reconstrução começou – sem alarde ou grandes gestos, mas com pequenos atos que, juntos, mostravam que eu tinha valor, que eu era capaz.

Essa habilidade de enxergar além do aluno, de reconhecer o ser humano por trás dos textos e gráficos, transformou profundamente minha percepção sobre o que significa ser orientador. Aprendi com você que, embora o conhecimento seja essencial, ele só floresce verdadeiramente quando há espaço para acolhimento, empatia e compreensão.

Houve outros episódios que reforçaram essa lição, como discutir ciência tomando café ou comendo pizza. Claro, não penso que todo orientador deva agir da mesma maneira – cada um sabe como administrar emocionalmente seus relacionamentos. Mas, para mim, esses momentos mostraram que ciência

e convivência não precisam ser excludentes, que o aprendizado pode ser leve e descontraído, sem perder a seriedade.

Preciso, no entanto, pedir desculpas. Em alguns momentos, projetei em você a expectativa de resolver problemas que, agora percebo, não eram da sua responsabilidade. E, quando essa resolução não acontecia, eu me magoava, talvez até por um longo tempo. Não consigo apontar exatamente quando isso mudou, mas hoje entendo que essa mágoa não era justa, nem com você nem com o papel que desempenhava.

Como orientador, tento replicar o cuidado que aprendi com você, mas nem sempre é fácil. A pressão por produtividade, prazos e resultados, muitas vezes, me faz esquecer que, no fundo, estamos lidando com pessoas. Mas, quando percebo isso, lembro-me de você – das pausas que fazia para ouvir, compreender e apoiar.

Há um episódio em especial que nunca esqueci. Uma colega nossa, também

orientada por você, enfrentava uma crise pessoal. Mesmo com suas responsabilidades e compromissos, você encontrou tempo para ajudá-la a buscar apoio. Não era algo que fazia parte do seu trabalho como orientadora, mas você assim fez porque entendia que, antes de tudo, a academia é feita de pessoas.

Esse exemplo me guia até hoje. É claro que há limites e que o papel do orientador não é resolver todos os problemas pessoais dos alunos. Mas acredito que a sua capacidade de reconhecer a humanidade em cada um de nós foi o que nos tornou melhores, tanto como pesquisadores quanto como pessoas.

No fim das contas, a ciência é feita por seres humanos – com suas histórias, medos, dores e sonhos. E é impossível separarmos esses aspectos. Você me ensinou que reconhecer isso não é um desvio, mas parte do que nos torna orientadores melhores.



Gostaria, agora, de compartilhar outra reflexão. Há uma intimidade peculiar que sentimos com aqueles que nunca encontramos pessoalmente, mas que nos tocam profundamente. Não é a proximidade de um rosto conhecido ou de uma voz amiga, mas algo que nos alcança por entre os séculos, pelas palavras, pelas ideias que, de alguma forma, ecoam em nós. É quase como se esses grandes pensadores, mesmo distantes cronologicamente, fossem companheiros próximos, interlocutores de nossas próprias inquietações.

Imagino-me sentado à mesa com Spinoza e Nietzsche, em um lugar onde o tempo não importa, onde o diálogo pode transcender as barreiras da história. Quero falar de meus afetos, de como eles me movem e me prendem, de como moldam o que sou e o que busco ser. Quero ouvir Spinoza discorrer sobre as emoções. Quero que ele me ensine a ver a vida com mais clareza, com uma aceitação que não anula, mas transforma.

E Nietzsche... Quero saber dele o que sentiu no instante em que sua consciência se fragmentou, quando a lucidez se despediu e o entregou à loucura. Será que ele percebeu o momento exato? Será que teve medo ou será que foi como abraçar o caos que ele sempre viu no mundo? Quero perguntar o que ele diria a alguém que luta para carregar sua própria existência sem se deixar esmagar pelo peso do eterno retorno. Quero que ele me fale, não como filósofo intempestivo, mas como homem que conheceu a dor e, mesmo assim, buscou afirmar a vida.

Esse encontro, embora impossível, é um desejo de compreender o humano em sua profundidade. É um diálogo que nunca acontecerá, mas que, em minha mente, existe, porque, de alguma forma, sinto que essas figuras, essas mentes inquietas, já estão sentadas comigo, dialogando sobre suas ideias. Talvez seja isso o que torna o pensamento tão poderoso: ele nos conecta a um espaço onde o tempo e a distância não têm significado,

onde podemos, por um instante, partilhar a mesa com aqueles que influenciam nossa visão de mundo.

Abraços afetuosos!



CARTA 8: O DESAFIO DE ORIENTAR

*Ai, que mau teórico eu sou! Não admira que rigorosos professores de pós-graduação frequentemente repreendam seus orientandos por incluir citações minhas nos seus projetos de tese! “Rubem Alves não é cientista. Ele é um escritor!” Eles estão cobertos de razão. Não sou cientista. A ciência pensa através de conceitos abstratos. Eu penso através de imagens. São as imagens que me fazem pensar. Mais do que isso: é através das imagens que tento ensinar. E, ao convocar minhas ideias para escrever esta crônica, foram imagens que acudiram ao meu pedido de socorro. (Rubem Alves. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018).*

Oi, doutora.

Quando comecei a orientar, acreditava que estava preparado para todos os desafios.

Eu tinha o exemplo que você me deixou e me sentia confiante de que bastava replicar o que aprendi. Mas logo percebi que cada aluno traz suas próprias peculiaridades, sonhos e dificuldades e que o desafio de orientar não tem manual.

A cada novo orientando que recebo, lembro-me de como você lidava comigo de modo tão equilibrado. Em alguns momentos, eu acreditava saber mais do que realmente sabia; em outros, duvidava completamente da minha capacidade. E você parecia saber exatamente quando me dar liberdade e quando intervir. Tentei replicar isso, mas logo percebi que não é tão simples quanto parecia na época, e ainda hoje esse ato de orientar constitui um desafio.

O tempo ensina a fazer melhor, mas, a cada novo aluno que recebo, existe o potencial de experiências e aprendizados inéditos. Procuro valorizar e respeitar cada indivíduo, mas, por diversas razões, nem sempre consigo. Apesar disso, busco ser justo em todas as

situações. Talvez por isso tenha sido tão difícil ouvir, certa vez, de um aluno com quem tive um leve desentendimento, que ele temia que eu fosse um obstáculo ao seu crescimento pessoal. Não sei se você já passou por algo assim, mas doeu bastante.

Nunca persegui ninguém, mesmo quando teria, supostamente, motivos para isso. E devo essa postura à influência de outras duas grandes mulheres na minha vida: minha mãe e minha companheira. Da primeira, recebi as bases de como tratar as pessoas com dignidade e respeito e, da segunda, a lembrança constante de que podemos ser pessoas melhores, antes de tudo, para nós mesmos.

Lidar com a injustiça é difícil e, dependendo do contexto, pode nos levar a querer desistir de tudo. Afinal, como você bem sabe, orientar um ou vinte alunos não faz qualquer diferença em termos de ganhos financeiros que compensem o envolvimento. Posso até soar cobiçoso, mas preciso ser honesto: só o reconhecimento profissional, às vezes, não

é suficiente para sustentar a motivação em meio a tantas pressões e desafios.

Claro, há momentos de alegria. Ver um aluno defender seu trabalho com confiança, superar barreiras ou encontrar caminhos criativos é uma recompensa indescritível. Nessas ocasiões, lembro-me de como você celebra comigo cada pequena conquista, como se fossem suas. Hoje, entendo o que você sentia, porque eu sinto o mesmo.

O maior desafio de orientar, descobrir, não é apenas sobre o outro, mas sobre o que aprendemos acerca de nós mesmos ao longo do processo – sobre nossas próprias limitações, sobre nossa paciência, sobre nossa capacidade de confiar e, principalmente, sobre nossa humanidade. Por mais difícil que seja às vezes, orientar é também uma das experiências mais transformadoras que já vivi.



Não quero, no entanto, depender de um sentido emprestado, vindo de algo que não

posso tocar, provar ou compreender. Não quero recorrer ao divino ou ao transcendente para justificar a existência. Respeito pensadores como Boécio e Viktor Frankl, mas não compartilho da necessidade de encontrar uma ordem maior no sofrimento ou no caos. Prefiro encarar o absurdo como parte do existir. Prefiro a responsabilidade, nua e crua, como o único fundamento para seguir em movimento.

Assumir o absurdo não significa renunciar à busca por sentido; significa abraçá-la de outra forma. Não quero delegar a algo inescrutável a tarefa de dar significado ao que faço – quero carregar esse peso eu mesmo, porque é no ato de assumir toda a responsabilidade que encontro a única liberdade que faz sentido. Não preciso de promessas de eternidade nem de garantias de que tudo acontece por um propósito maior. Basta saber que cada passo que dou, assim como cada erro ou acerto, nasce de mim e termina em mim.

Essa responsabilidade, longe de ser um fardo paralisante, é o que me move. Saber que sou o único responsável pelo significado do meu caminho me dá energia para continuar. Não há narrativas predefinidas ou roteiros a seguir, apenas o confronto constante com a vida como ela é: caótica, incerta, às vezes absurda, mas sempre aberta à possibilidade de ser vivida plenamente.

Quero o movimento que nasce dessa escolha. Quero encontrar na responsabilidade não apenas o peso, mas também a força, porque viver é isso: afirmar-se contra o vazio, criar sentido onde ele não existe, resistir à tentação de buscar consolo em algo externo. Quero a liberdade de abraçar a vida em toda a sua dureza e beleza, sabendo que o sentido que encontro será apenas meu. E isso me basta.

Com meu carinho, sempre.

CARTA 9: CONFIANÇA EM MEIO ÀS TEMPESTADES

Pensar é saber o que fazer com as informações. Informação sem pensamento é coisa morta. A arte de pensar tem a ver com um permanente espantar-se diante do assombro do mundo, fazer perguntas diante do desconhecido, não ter medo de errar porque os saberes se encontram sempre depois de muitos erros. (Rubem Alves. **Lições do velho professor.** Campinas: Papyrus, 2018).

Oi, doutora.

Lembro-me perfeitamente da primeira crítica dura e agressiva que recebi sobre nossa proposta de pesquisa. Foi um choque. Eu estava empolgado, confiante no potencial da nossa ideia, mas aquele parecer veio como um golpe seco. As palavras não apenas desqualificavam o projeto, mas também pareciam

desdenhar o próprio tema, tratando-o como algo irrelevante ou, pior, sem valor científico.

Na época, não soube lidar com isso. Tomado pela impulsividade e com o orgulho ferido, elevei o tom ao responder. Fui direto, incisivo, talvez até um pouco rude. Tudo o que conseguia pensar era em defender o que acreditava ser justo e proteger o trabalho que tanto esforço e dedicação representava.

Quando contei a você sobre o ocorrido, confesso que esperava um sermão. Mas, em vez disso, encontrei apoio. Você ouviu tudo com paciência, sem interromper, deixando-me desabafar. Depois, me fez refletir sobre como eu poderia ter lidado com a crítica de outra maneira: sem perder a firmeza, mas também sem adotar o tom agressivo do avaliador.

O que mais me marcou naquela conversa, contudo, foi algo muito maior do que uma lição sobre comunicação. Você transmitiu confiança em mim e no nosso trabalho. Explicou que críticas duras – e até desdenhosas – são

comuns na ciência, embora desnecessárias. “A ciência também é feita de preconceitos e resistências”, você disse.

Essas palavras ficaram gravadas em mim. Elas me ajudaram a superar a vergonha pela minha reação impulsiva e a transformar aquela crítica em combustível. Com sua confiança como alicerce, comecei a entender que o valor do que estávamos fazendo não dependia da aceitação imediata dos outros.

Hoje, ao enfrentar esse tipo de crítica – sim, ainda acontece –, tento lembrar a forma como você agiu naquele momento. Seu apoio não veio apenas de palavras encorajadoras, mas de algo maior: da confiança que você depositava em mim e no potencial da nossa pesquisa. Isso me deu forças para continuar e, mais do que isso, para amadurecer como cientista e como pessoa.



Tenho uma fome que não cessa, uma urgência de saber que me devora por dentro.

Consumo tudo o que encontro – ideias, palavras, pensamentos – sem me importar com a cor, a textura ou o sabor. O importante é preencher, alimentar esse vazio que pulsa em mim. Mas, no fim, acabo por me desnutrir. Minha fome não me fortalece. Ela me esgota, como se, ao invés de nutrir a alma, eu estivesse devorando a mim mesmo.

Às vezes, sinto o peso do que ingeri. Quando o saber se revela amargo demais, saturado de verdades que não posso suportar, ou doce demais, envolto em ilusões, sinto o desejo de rejeitá-lo. Quero expelir tudo, como se pudesse me limpar do excesso e da dor que ele traz.

E, em momentos de desespero, esse desejo vai além. Penso em entregar não só o que absorvi, mas a mim mesmo, consumido pelo meu próprio apetite. Se minha busca incessante me destrói, que ao menos sirva para algo. Que outros famintos, aqueles que compartilham essa fome de saber, possam se alimentar do que restou de mim. Minha carne,

meu esforço, meu esgotamento – que eles sejam úteis, ainda que eu tenha sido incapaz de encontrar equilíbrio para mim mesmo.

Há um paradoxo em tudo isso: procuro o saber como se ele pudesse me completar, mas, quanto mais aprendo, mais vazio me sinto. Talvez a resposta não esteja em consumir tudo, mas em aprender a escolher, a digerir, a transformar o saber em algo que não me destrua. Mas como acalmar uma fome que nunca se aplaca? Como saciar um desejo que é parte de quem sou?

Talvez o segredo não esteja em parar de consumir, mas em encontrar o que realmente nutre. Até lá, sigo devorando e sendo devorado, buscando no caos dessa fome algum vislumbre de sentido.

Obrigado por estar lá quando eu mais precisei.

CARTA 10: COMO VOCÊ AGIRIA?

*Freud disse que são duas as fomes que moram no corpo. A primeira é a fome de conhecer o mundo em que vivemos. Queremos conhecer o mundo para sobreviver. Se não tivéssemos conhecimento do mundo à nossa volta saltaríamos pelas janelas dos edifícios, ignorando a força de gravidade, e colocaríamos a mão no fogo, por não saber que o fogo queima. A segunda é a fome do prazer. Tudo o que vive busca o prazer. O melhor exemplo dessa fome é o desejo do prazer sexual. Temos fome de sexo porque é gostoso. Se não fosse gostoso, ninguém o procuraria e, como consequência, a raça humana acabaria. O desejo do prazer seduz. Gostaria de poder ter tido uma conversinha com ele sobre as fomes, porque acredito que há uma terceira: a fome de alegria. (Rubem Alves. **Pimentas: para provocar um incêndio, não é preciso fogo.** São Paulo: Planeta, 2012).*

Oi, doutora.

Hoje me peguei pensando em como a academia tem mudado ao longo dos anos – ou talvez em como certas questões estão finalmente vindo à tona. Inevitavelmente, comecei a me perguntar como você lidaria com algumas dessas transformações. Durante o tempo em que fui seu orientando, não me recordo de ouvir falar sobre sofrimento psíquico no ambiente acadêmico. Não sei se, na sua época, você tinha alunos que enfrentavam esse tipo de dificuldade. Era algo velado? Ignorado? Ou, talvez, até incompreendido?

De certo modo, parecia existir uma cultura silenciosa de que a academia deveria ser surda às nossas dores e nós, mudos em relação a elas. Mas hoje as coisas estão diferentes. Há tantos desafios nesse sentido que fico curioso em saber como o adoecimento mental era percebido em minha época de aluno. Não se falava em tal fator, mas isso

não significa que não estivesse lá, latente, escondido sob a superfície.

Atualmente, o sofrimento na academia é visível – impossível de ignorar. Discute-se muito sobre a dificuldade enfrentada pelos alunos (e com razão). Misoginia, machismo, racismo, transfobia e outras formas de opressão ainda estão presentes nesse espaço, e estamos sendo confrontados com a necessidade de encarar isso de forma direta. Esses problemas não são novos, mas a disposição para debatê-los parece ser.

Contudo, vejo que o sofrimento não se restringe aos alunos. Entre nós, orientadores, também há dores que raramente vêm à superfície. Talvez por causa de uma cultura que nos coloca em uma espécie de pedestal intelectual, não estamos discutindo isso. O peso do silêncio entre os orientadores muitas vezes surge do medo de confessar nossas próprias dificuldades, de admitir que estamos sobrecarregados, cansados ou em sofrimento. Há um receio de que, ao fazermos isso, sejamos

vistos como pessoas que buscam desculpas para não atender às expectativas que recaem sobre nós. Essa percepção é cruel, mas infelizmente comum.

Apesar da pressão constante, dos baixos salários diante de tantas demandas e das exigências que parecem crescer, às vezes, parece que somos compelidos a carregar esse peso em silêncio, para não comprometer a imagem de força que muitos esperam de nós. Gostaria de saber como você encararia essas questões hoje. Penso em quando tomávamos refrigerante e comíamos pizza, como fazíamos às vezes, e me imagino perguntando: como você agiria? O que sentiria diante de tudo isso?

Talvez esta carta seja menos sobre respostas e mais sobre reflexões, não sei ao certo. O que sei é que, na sua companhia, sempre senti que havia espaço para pensar além do óbvio. E é isso que me faz sentir falta das nossas conversas.



Ele me olhou nos olhos, como quem busca desesperadamente por algo que traga sentido. Queria palavras que o erguessem, que reacendessem uma fagulha de esperança, que lhe dessem uma razão para continuar. E eu sabia exatamente o que dizer. Já ensaiei essas palavras tantas vezes, para tantos olhares em tantos momentos. Elas estavam ali, prontas, esperando para serem ditas. Mas, ao encarar aquele olhar, algo me paralisou.

Vi meu reflexo. Não o reflexo triunfante de quem sempre tem uma resposta, mas uma face marcada pelo cansaço. Havia certo ar de vitória, mas uma vitória desgastada, repetitiva, como se cada palavra dita para confortar os outros fosse também um lembrete da minha própria luta. Cada vez que olhava para os olhos de alguém, encontrava um espelho e, nesse espelho, a mesma pergunta: quem sou eu para oferecer sentido, quando ainda estou tentando encontrar o meu?

Estou cansado, não de falar ou oferecer conforto, mas de perceber que cada um

que encontro reflete a mim mesmo. Cansado de repetir as mesmas palavras para rostos diferentes, enquanto o peso delas se acumula. Cansado de carregar uma esperança que, muitas vezes, ofereço ao outro, mas não sei se tenho para mim.

E, ainda assim, eu sei o que vou falar. Vou oferecer as palavras que ele precisa ouvir, porque não posso deixar de fazê-lo. Mas, talvez, desta vez, eu permita que ele veja também a minha verdade – a de que, por trás das palavras ensaiadas, há alguém que sente, que cansa, que busca. Talvez, nesse reflexo compartilhado, possamos encontrar algo que transcenda o roteiro: uma conexão real, em que não sejamos apenas um espelho um para o outro, mas dois grãos de poeira tentando, juntos, enxergar algo além do reflexo.

Com carinho e saudade.



CARTA 11: PROJETOS E PARCERIAS

O sábio conhece com a boca, o cientista conhece com a cabeça. Aquilo que o sábio conhece tem sabor, é comida, conhecimento corporal. O corpo gosta. A palavra sapio, em latim, quer dizer “eu degusto”. O sábio é um cozinheiro que faz pratos saborosos com as coisas que a vida lhe oferece. O saber do sábio dá alegria, razões para viver. Já aquilo que o cientista oferece não tem gosto, não mexe com o corpo, não dá razões para viver. “Não tem gosto, mas tem poder”, retruca o cientista. E isso é verdade. A sabedoria ensina o amor. A ciência ensina o poder. (Rubem Alves. **Lições do velho professor**. Campinas: Papyrus, 2018).

Oi, doutora.

Hoje me lembrei de você. Tenho desenvolvido muitos projetos paralelos com meus alunos, seja publicando livros, organizando eventos ou explorando ideias que fogem

do escopo convencional de suas pesquisas. Sempre que me vejo envolvido nessas iniciativas, não consigo deixar de pensar em como aprendi isso com você.

Veza ou outra, você me convidava para colaborar em projetos tão variados que me faziam sentir animado e desafiado ao mesmo tempo. Esses convites não eram apenas oportunidades acadêmicas; eram momentos de aprendizado profundo. Estar ao seu lado nesses projetos me ensinou muito mais do que eu poderia imaginar. Eu não estava apenas executando tarefas, mas descobrindo novas formas de pensar, trabalhar em equipe e enxergar possibilidades onde antes eu via barreiras.

Hoje, busco proporcionar o mesmo aos meus alunos. Tento envolvê-los em projetos que ampliem seus horizontes, que os desafiem e que os façam sentir parte de algo maior. Mas confesso que ninguém nunca me avisou o quanto isso seria desafiador.

Pensando nisso, percebo o trabalho que devo ter dado a você. Quantas vezes teria

sido mais fácil fazer tudo sozinha, com sua experiência e domínio do tema, em vez de dividir responsabilidades com alguém ainda em formação – como eu. No entanto, ao me incluir, você estava exercendo um papel pedagógico fundamental. Mostrava, na prática, o que significa ser parte de um projeto colaborativo e o valor de aprender fazendo.

Agora eu entendo, pois faço o mesmo com meus alunos e sei o quanto isso dá trabalho. Há momentos em que seria muito mais rápido e eficiente fazer tudo por conta própria, mas então lembro do que você me ensinou: projetos não são apenas sobre o resultado; são, principalmente, sobre o processo, o crescimento e a construção de confiança mútua.

Graças a isso, meus alunos e eu já realizamos coisas incríveis juntos. Embora não seja um caminho fácil, é extremamente recompensador. Ver um aluno crescer, tomar a liderança em algo que antes o intimidava ou perceber que ele agora enxerga possibilidades

onde antes via limitações é algo que não tem preço.



Pertencer é um desejo tão humano quanto respirar. Queremos fazer parte de algo maior, sentir que nossa existência ecoa em um grupo, em uma comunidade. Mas, para isso, aprendemos cedo a nos ajustar, a nos curvar a regras invisíveis que ninguém escreve, mas todos seguem. É um jogo silencioso, onde performamos papéis definidos sem nosso consentimento, onde fugir ao esperado significa arriscar tudo. A harmonia do grupo depende da conformidade a esses papéis, e o preço da autenticidade é, muitas vezes, a exclusão.

Mas o que acontece quando somos expulsos, quando, por não nos encaixarmos, somos lançados para fora desse suposto paraíso? No começo, há o choque, o vazio, a sensação de perda. Mas, lentamente, percebemos a verdade que estava oculta: aquilo

que chamávamos de paraíso era, na verdade, uma prisão disfarçada, um lugar onde a conformidade apagava nossas cores, onde a aceitação vinha à custa de nos moldarmos até não reconhecermos mais quem éramos.

Do lado de fora, o ar é diferente. É mais frio e mais pesado, mas também mais puro. Não há mais máscaras para usar nem papéis a desempenhar. Há apenas a liberdade, ainda que ela venha acompanhada de incertezas e da solidão de estar fora. E, nesse exílio, descobrimos algo precioso: pertencemos a nós mesmos antes de pertencermos a qualquer grupo. Então, a expulsão, que parecia um castigo, revela-se uma libertação.

Estar fora é um renascimento. É um momento para construir algo novo, que não seja imposto, mas escolhido. Talvez, um dia, encontremos outros que também foram lançados para fora, outros que decidiram viver sem máscaras. E, juntos, poderemos formar uma nova comunidade – não de perfeição, mas de autenticidade, onde cada um seja livre para

ser quem realmente é. Afinal, o verdadeiro paraíso não é um lugar de aceitação incondicional, mas um espaço onde a liberdade e a humanidade coexistem.

Abraços saudosos.

CARTA 12: CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

*Por isso, porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar para os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. Como o Jesus Menino do poema do Caeiro. Sua missão seria partear “olhos vagabundos”... (Rubem Alves. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018).*

Oi, doutora.

Venho enfrentando um desafio com meus alunos que me fez recordar algo que vivi ao seu lado. Tenho tentado replicar uma prática que aprendi com você, mas, confesso, nem todos a recebem bem. Alguns

se ressentem, outros até guardam mágoas. Acredito que isso aconteça porque, diferente de mim, eles ainda não tiveram a oportunidade de compreender a perspectiva que embasa essa prática.

Lembro-me claramente das lições valiosas que aprendi sobre autonomia com você. Eu costumava chegar com ideias de trabalho e textos que produzia sozinho, movido por minhas inquietações. Nunca me passou pela cabeça pedir sua opinião antes de começar; simplesmente escrevia e trazia o resultado para você avaliar. Não recordo de uma única vez em que você tenha recusado olhar ou discutir o que eu escrevia.

Mas também me lembro das ocasiões em que, mesmo elogiando meus esforços, você explicava que não se sentia confortável para ser coautora. Na sua percepção, você não havia contribuído intelectualmente o suficiente com aquela ideia para justificar seu nome na publicação. Na hora, isso doía. Eu supunha que o material fosse medíocre, que

talvez você estivesse, delicadamente, declinando de participar para não associar seu nome a algo que julgava ruim.

Hoje, com o passar do tempo e com as lentes da experiência – além do que você mesmo compartilhou comigo –, vejo essa questão de outra forma. Afinal, ao colocar seu nome em um trabalho, você assumiria total responsabilidade pelo conteúdo e garantiria que contribuiu significativamente para sua elaboração. No cenário atual, em que publicações são registros permanentes, esse gesto carrega um peso imenso.

O que aprendi com você foi mais do que uma lição sobre o rigor acadêmico. Foi uma lição sobre *autoria responsável*, sobre entender que assinar um trabalho não é apenas validar o resultado, mas também garantir que contribuímos de forma honesta para sua construção. Hoje, vejo isso como um gesto de integridade e respeito – tanto pelo trabalho em si quanto pelas pessoas envolvidas.

Entretanto, ao tentar replicar essa prática com meus alunos, percebo que ela não é facilmente aceita. Muitos se sentem desvalorizados ou magoados quando explico que não me sinto à vontade em ser coautor de um trabalho no qual não contribuí significativamente. Entendo que isso pode ser frustrante para eles, especialmente porque, na academia, a coautoria ainda é vista como um indicador de sucesso e validação.

A intenção por trás dessa prática, contudo, é genuína: ensinar responsabilidade, autonomia e respeito pelo trabalho acadêmico. Mas sei que não é fácil transmitir isso de forma que o outro entenda completamente. Talvez, assim como eu precisei de tempo para compreender, meus alunos também precisem.



Recuso com veemência qualquer postura que diminua o outro para justificar minhas próprias limitações. Não aceito a tentação de

culpar o outro por barreiras que, no fundo, são desafios do meu ofício. Ensinar não é sobre impor verdades ou demonstrar superioridade; é sobre construir pontes, encontrar caminhos, tocar vidas. E isso significa reconhecer o outro em sua inteireza, venha ele de onde vier, traga ele o que trouxer.

O encontro com o outro exige esforço, paciência, empatia. Exige reconhecer que cada pessoa carrega sua própria bagagem, feita de histórias, dores, aprendizados e resistências, e que essa bagagem não é obstáculo. É matéria-prima. É nela que reside a possibilidade de transformação, tanto do outro quanto de mim mesmo.

Ensinar, para mim, é mais do que um ato técnico ou uma simples transmissão de conteúdo. É um compromisso humano, um chamado para alcançar, para tocar, para dialogar. É aceitar que o outro não está ali para ser moldado à minha imagem, mas para ser acolhido em sua diferença, com sua própria maneira de ver e estar no mundo. E, nesse

acolhimento, talvez possamos construir algo novo juntos.

Se falho em tocar o outro, a culpa não é dele, mas minha. Cabe a mim buscar caminhos, encontrar linguagens, criar espaços onde o encontro possa acontecer. Ensinar não é dominar, mas partilhar; não é reduzir, mas ampliar. Ensinar, antes de tudo, é um ato de humildade. É aceitar que, para construir uma conexão com o outro, preciso primeiro me despir de qualquer pretensão de superioridade e reconhecer que, assim como ele, também estou aprendendo.

Abraços carinhosos.



CARTA 13: PAIXÃO E CANSAÇO

*Para o cientista, o silêncio é o espaço da ignorância; nele não mora saber algum; é um vazio que nada diz. Para o sábio, o silêncio é o tempo da escuta, quando se ouve uma melodia que faz chorar, como disse Fernando Pessoa num de seus poemas. Roland Barthes, já velho, confessou que abandonara os saberes fáceis e se dedicava, no seu momento crepuscular, aos sabores inefáveis. (Rubem Alves. **Lições do velho professor.** Campinas: Papyrus, 2018).*

Oi, doutora.

Este ano não tem sido fácil. Tenho me questionado muito sobre a carreira, algo que nunca pensei que aconteceria, pelo menos não com tanta intensidade. Sempre desejei fazer o que faço hoje, mas, admito, estou cansado.

Alguns colegas atribuem isso ao fato de eu ser uma pessoa acelerada. Você conhece

bem essa característica minha – sempre quis abraçar mais do que o possível, correndo atrás de novas ideias, projetos e sonhos. Porém, vejo que mesmo colegas com um ritmo diferente do meu compartilham das mesmas inquietações. Isso me faz pensar que talvez o problema não esteja apenas no ritmo, mas no peso que a atividade acadêmica carrega, com todas as suas demandas, pressões e peculiaridades.

Apesar do cansaço, me esforço para manter a energia. Tento preservar a potência de agir para transformar meu entorno, criando e compartilhando conhecimento. Nosso grupo de pesquisa, repleto de pessoas com seus sonhos, todas construindo suas carreiras na ciência, me motiva. Mas também me faz refletir sobre como comunicar o que é fazer ciência de maneira honesta, sem mascarar as dificuldades que existem.

Fazer ciência traz desafios significativos. Além do brilho das descobertas ou da satisfação de ver um trabalho publicado, há a

necessidade de lidar com comunidades científicas que possuem suas próprias dinâmicas, algumas inspiradoras, outras frustrantes. Como transmitir a paixão pela ciência sem deixar de explorar o funcionamento dessas comunidades? Como ser honesto com os jovens que ingressam nesse universo sem desencorajá-los, mas também sem romantizar a realidade?

Apesar de tudo, continuo acreditando no que faço. Mas às vezes me pergunto se estamos preparados para lidar com as pressões e as crises que fazem parte desse caminho. Será que estamos transmitindo isso aos que estão começando? Será que estamos mostrando não apenas a ciência, mas também o que significa vivenciar a comunidade científica?

Gostaria de saber sua opinião. Como você enfrentava essas questões? O que fazia para renovar sua energia e continuar, mesmo nos dias difíceis?



A vida é um redemoinho incessante, um turbilhão de fluxos e influxos que nos cercam, nos atravessam e nos transformam. Estamos tão imersos nesse movimento que, às vezes, nos iludimos, acreditando estar imóveis no centro do caos. Mas isso é apenas uma miragem, pois nada na existência permanece estático. Tudo está em constante mudança, fluindo, escapando. A transitoriedade não é uma exceção. É a regra.

Ainda assim, resistimos. Tentamos, com todas as forças, segurar o que está passando. Queremos reter os momentos, as pessoas, os sentimentos – como se pudéssemos fazer o efêmero durar, como se pudéssemos congelar o tempo em nossas mãos. É um desejo quase ingênuo, mas profundamente humano: lutar contra o inevitável. Queremos conter o fluxo, deter o rio da vida, mesmo sabendo, no fundo, que é impossível.

E, quando tudo escapa, como sempre escapa, resta o vazio – um vazio que pode parecer insuportável, mas que talvez seja

necessário, porque é nele que percebemos que a vida não se deixa aprisionar. Não importa o quanto tentemos agarrá-la, ela seguirá seu curso, deslizando por entre os dedos como água, como areia. Não há nada a ser segurado; há apenas o fluxo a ser vivido.

Talvez o segredo não esteja em tentar conter o que é transitório, mas em aprender a se mover com ele, em aceitar que somos parte do redemoinho, e não um ponto fixo em sua periferia. Talvez precisemos dançar com os fluxos, em vez de lutar contra eles; deixar que se vá o que precisa ir e que mude o que precisa mudar.

No fim, a vida não é o que conseguimos segurar, mas o que nos permitimos sentir enquanto tudo passa. E talvez, apenas talvez, essa impermanência seja menos um fardo e mais uma dádiva – a chance de experimentar, por um instante fugaz, a beleza de algo que nunca será o mesmo outra vez.

Com meus afetos.



CARTA 14: A FRAGILIDADE DA COMPREENSÃO

Tive professores inesquecíveis. Alguns são inesquecíveis pela beleza da sua pessoa, por sua inteligência, pelo respeito aos alunos. Esses me fazem sorrir. Outros se tornaram inesquecíveis por sua pequenez e tolice (...).
(Rubem Alves. **Ostra feliz não faz pérola.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008).

Oi, doutora.

Na semana passada, aconteceu algo que me fez refletir muito. Um colega, em uma conversa casual, confidenciou seu sofrimento ao descobrir que seus orientandos interpretaram equivocadamente algo que ele havia dito. Ele se perguntava como isso era possível, especialmente porque alguns desses alunos o conheciam há anos e mantinham até uma relação pessoal com ele. O mais doloroso, no

entanto, não foi o mal-entendido em si, mas o fato de ninguém ter procurado conversar, dar-lhe a chance de se explicar. Pelo contrário, ele foi julgado e condenado sem sequer saber que estava sendo acusado.

Essa história mexeu comigo porque me lembrou de algo que vivi. Fui convidado para palestrar em um evento que promovia debates científicos em bares. Durante a apresentação, citei um exemplo que uso há anos, de forma leve e descontraída, para explicar a diferença entre fato e interpretação. Posteriormente, soube que algumas pessoas consideraram aquele exemplo machista e até misógino.

O que mais me abalou, no entanto, foi saber que uma aluna, que me conhecia bem e com quem eu tinha uma relação próxima, disse que isso era recorrente na minha prática. Ela insinuou que aquele exemplo refletia um suposto machismo meu. Nunca me vi como machista, especialmente porque minha trajetória, tanto pessoal quanto acadêmica,

foi profundamente marcada por mulheres que admiro e respeito profundamente.

Mas não vou negar que isso me fez pensar. Será que, mesmo sem intenção, reproduzimos padrões opressores de forma inconsciente? Não considero essa hipótese impossível. Acho que a lição mais dura, no entanto, foi perceber que, por mais que eu tente pautar minhas relações em confiança, respeito e honestidade, a incompreensão pode surgir, inevitavelmente.

Talvez seja por isso que alguns colegas optam por manter uma relação mais distanciada com seus orientandos. A proximidade intensifica os sentimentos – e, com eles, os riscos, riscos de sermos mal interpretados, julgados sem defesa ou, pior, descartados como se toda a história construída não tivesse valor.

Gostaria de saber como você lidava com isso. Será que você também enfrentou desentendimentos e mágoas ao longo de sua trajetória como orientadora? Será que já foi

incompreendida por aqueles que acreditava conhecer bem?

Tenho tentado aprender com essas experiências, por mais dolorosas que sejam. Acredito que, se há algo que posso tirar disso, é a necessidade constante de refletir sobre nossas palavras e ações, mas, principalmente, sobre os sentimentos que despertamos nos outros, ainda que sem intenção. Entretanto, confesso, isso é cansativo. Às vezes me pergunto se estou sendo idealista ao insistir em manter laços próximos e tentar construir relações mais profundas, quando a distância profissional parece ser uma escolha mais segura.



O luto é um absurdo que fere e confunde. Ele arranca um pedaço nosso, deixando um vazio que jamais se preenche completamente. Quem parte leva algo de nós, como se saísse mais rico e mais completo, enquanto ficamos mais pobres, reduzidos a uma ausência que não cessa de ecoar. Talvez isso seja

apenas uma ilusão, mas é uma ilusão que dói, que nos obriga a encarar o preço de se entregar, de se dar a alguém ou a algo, sabendo que, um dia, podemos perder os laços que construímos.

Há algo cruel nesse processo, como se o amor e a perda fossem faces inseparáveis de uma mesma moeda. Dar-se a alguém é, desde o início, aceitar o risco de perder um pedaço de si. E, quando isso acontece, não há consolo. O que resta é o absurdo, esse vazio que Camus tão bem descreveu, em que buscamos sentido em uma existência que insiste em nos desafiar.

Ainda assim, somos obrigados a continuar. E é aqui que entra a liberdade. Sartre nos lembra de que, mesmo feridos, ainda somos livres – livres para escolher como viver com a dor, como seguir em frente. Essa liberdade, pesada e difícil de carregar como um martelo, nos permite decidir. Não podemos evitar o luto nem apagar a marca de quem se foi, mas podemos escolher amar novamente,

mesmo sabendo que o amor nos expõe ao risco de novas perdas. Podemos carregar as feridas, não como fardos, mas como lembretes de que vivemos, de que nos conectamos, de que fomos, por um momento, completos.

Seguir em frente não significa esquecer ou ignorar a dor. Significa carregar o luto como parte de quem somos, uma mistura de amor e ferida que nos torna profundamente humanos – no fim, o luto não é apenas sobre a perda, mas sobre a coragem de amar e de se entregar, mesmo sabendo que o risco da ausência está sempre à espreita. É isso que nos define: continuar a amar, mesmo feridos.

Com carinho.

CARTA FINAL: UM MANUAL NÃO ESCRITO

Quando um professor tenta ensinar alguma coisa tem de pressupor que aquilo é importante e vai fazer uma diferença na vida do seu aluno. Caso contrário, seu trabalho não terá sentido. Assim, deve ter a curiosidade de saber sobre o destino das informações e das habilidades que tentou ensinar. O que aconteceu com elas? (Rubem Alves. **Lições do velho professor**. Campinas: Papyrus, 2018).

Oi, doutora.

Ao escrever esta última carta, sinto que todas as palavras reunidas neste exercício de memória e reflexão parecem insuficientes para expressar o impacto que você teve na minha vida. Ainda assim, preciso tentar.

Ao longo dessas cartas, revisei inúmeros momentos que compartilhamos e tantos

outros que vieram depois, já no meu papel de orientador. Alguns foram desafiadores; outros, repletos de alegrias e aprendizados. E, em todos eles, sua presença se fez sentir, mesmo quando não estava fisicamente ali. Você se tornou uma espécie de guia silenciosa, cuja influência me ajuda a tomar decisões, lidar com os desafios e, sobretudo, enxergar o ato de orientar como algo muito maior do que uma simples função acadêmica.

Como seria bom se tivéssemos um manual na academia que refletisse sobre o ato de orientar e todas as suas implicações – algo que explorasse não apenas o que se espera desse papel, mas também a sua potência transformadora para todas as partes envolvidas. Assim, talvez houvesse menos tropeços, mais compreensão e, quem sabe, menos tensões. Claro, tensões sempre existirão, porque orientar significa lidar com pessoas, histórias, expectativas. No entanto, com tal guia, talvez tivéssemos mais clareza, gentileza e, acima de tudo, respeito por esse ofício tão complexo.

Embora esse manual não exista formalmente, me dei conta de algo importante: eu o carrego em mim. Ele foi escrito nas interações que tivemos, nas conversas, nas lições silenciosas e nos momentos em que você me deu espaço para ser quem eu era. Sem que soubesse, você foi esse manual, e, a partir dele, reinterpretei e reescrevi meu próprio modo de ser orientador.

Hoje, no meu dia a dia, percebo que dialogo com você enquanto tomo café ou como pizza. Quando ouço os dilemas dos meus alunos, recordo sua paciência. Quando recuso a coautoria em trabalhos nos quais não contribuí suficientemente, reproduzo o que aprendi com você. Quando tento equilibrar exigências com acolhimento, reconheço o reflexo do que vivi ao seu lado.

Orientar não é só um ato técnico. É um ato de generosidade, de fé e, acima de tudo, de humanidade. E isso eu aprendi com você. Não sei se, em algum momento, consegui expressar o quanto sou grato por tudo o que

fez, não apenas no campo acadêmico, mas também no pessoal. Hoje, ao olhar para trás, percebo que meu modo de ser orientador, cientista e pessoa está profundamente enraizado no que aprendi com você.

Portanto, esta carta não é um adeus, mas um agradecimento. Obrigado por ter sido meu manual, por ter me mostrado que, mesmo sem um guia formal, é possível encontrar um caminho se estivermos dispostos a aprender, a crescer e a confiar no outro.

Ainda que muito se fale da academia, pouco se diz acerca das nossas dores, como se estivéssemos imunes, esvaziados de sofrimento por algum privilégio invisível atribuído àqueles que vivem no mundo acadêmico. Talvez pensem que o peso da realidade não nos atinge, como se nossos pensamentos em ebulição nos protegessem do impacto das coisas simples, mas dolorosas, da vida. É a ilusão de pedestais: a ideia de que estamos acima do comum, imunes às fragilidades que permeiam a existência.

A verdade, contudo, é outra. Não há pedestais, pois não estamos nem acima nem abaixo. Estamos imprensados na realidade, pressionados entre a expectativa de grandeza e a dureza do cotidiano. Carregamos nossos próprios fardos, muitas vezes em silêncio, porque falar abertamente dessas dores parece contrariar o papel que nos atribuíram – ou que aceitamos por tanto tempo, como se admitir fragilidade fosse um ato de traição à ideia de quem deveríamos ser.

E, então, falamos entre nós, quase em segredo, como participantes de um culto silencioso. Compartilhamos nossas inquietações, falhas e dores, não para resolvê-las, mas para encontrar algum consolo. Entre nós, buscamos força para continuar acreditando – nas pessoas, naquilo que fazemos e, talvez o mais difícil, em nós mesmos.

Esses momentos de confiança nos sustentam, mas não eliminam o paradoxo. Embora a academia seja um espaço que exige grandeza, aqueles que a habitam são tão

humanos quanto qualquer outro. Precisamos romper o silêncio que nos aprisiona, reconhecendo que nossas dores não nos enfraquecem, mas nos conectam. Elas são um lembrete de que, antes de sermos professores, pesquisadores ou intelectuais, somos pessoas. E, como pessoas, temos de aprender a carregar nossos fardos juntos, sem medo de admitir sua existência.

Meu carinho e admiração, sempre!

SOBRE O AUTOR

Ulysses Paulino de Albuquerque é biólogo, licenciando em filosofia, bacharelado em psicanálise, doutor em biologia e professor titular da Universidade Federal de Pernambuco. Suas pesquisas são interdisciplinares, buscando entender como a nossa espécie se apropria da natureza. Para isso, ele frequentemente integra conceitos de ecologia, genética, evolução, psicologia, economia e antropologia em seus estudos. Apaixonado por livros, é fã ardoroso de filmes de terror e suspense, além de possuir um gosto musical extremamente eclético. Na área de comunicação científica, escreveu os livros *Comunicação e Ciência* (2024), *O que você precisa saber sobre ciência para não passar vergonha* (com Wendel Pontes, 2020), *O que você precisa saber sobre hipóteses científicas para não passar vergonha* (com Wendel Pontes e Leonardo Chaves, 2024) e *Errados são os outros!* (2024).

Sobre o livro

Formato 12,5 x 18 cm

Tipologia ITC Garamond Book (texto)
Penumbra HalfSerif Std (títulos)

Papel Pólen 80g/m² (miolo)
Supremo 250g/m² (capa)

Em *Cartas à Minha Orientadora*, nos deparamos com uma obra profundamente introspectiva e pessoal, estruturada no envolvente formato epistolar. Com sensibilidade e honestidade, a narrativa transforma o processo de orientação acadêmica em um espaço de diálogo e aprendizado mútuo, revelando os desafios, as tensões e as conquistas que permeiam essa relação tão singular.

Mais do que simplesmente relatar experiências, o autor usa o formato das cartas para refletir acerca de questões fundamentais, como autonomia, confiança e o delicado equilíbrio entre acolhimento e exigência. O estilo direto e acessível do livro nos conduz por uma jornada de amadurecimento do narrador, tanto como orientado quanto como orientador, iluminando um aspecto muitas vezes negligenciado da academia: a dimensão humana das relações.

canal6 editora

ISBN 978-85-7917-674-6



9 788579 176746